

Expectativas do Mercado

O PIB dos EUA teve alta de 3,2% no quarto trimestre de 2013, devido principalmente ao consumo interno. A economia americana contou também com o impulso das exportações, diante do maior crescimento global. As importações tiveram queda expressiva, ocasionada pelo avanço na produção de petróleo, reduzindo, assim, as importações desta commodity. No acumulado do ano, o PIB americano cresceu 1,9%, reforçando o sinal de recuperação.

A elevação das taxas, para reduzir os estímulos monetários no curto prazo conforme indicado pelo FED, torna os EUA mais atraentes aos investidores quando comparado aos mercados de maior risco, elevando, assim, a cotação do dólar. A taxa de desemprego, por sua vez, caiu de 7% em novembro para 6,7% em dezembro.

Segundo o FMI, o PIB da zona do euro deve crescer neste ano 1% e 1,4% em 2015. Apesar das taxas serem modestas, a variação projetada é pelo menos positiva, depois de alguns períodos de retração. O FMI estima que, em 2013, a economia da zona do euro tenha recuado 0,4%.

A menor demanda da Europa afetou também o crescimento do PIB da China em 2013: 7,7%, mesma taxa observada em 2012. Apesar de elevado, quando comparado ao de outros países emergentes, está bem abaixo do crescimento de dois dígitos dos últimos 30 anos. As trocas comerciais chinesas cresceram 7,6% em relação a 2012, de modo que mais de 10% do comércio mundial de mercadorias tem destino ou origem na China.

No Brasil, a produção industrial apresentou queda de 3,5% em dezembro em relação ao mês anterior. A retração mais expressiva ocorreu no setor de veículos automotores (-17,5%), devido principalmente à concessão de férias coletivas em várias empresas do ramo. O Banco Central do Brasil voltou a elevar a taxa básica de juros (Selic), que passou para 10,50% a.a. Diante disso, a inflação (IPCA-15), acumulada em 12 meses até janeiro, desacelerou para 5,63%.

De acordo com o Boletim Focus do Banco Central, a expectativa dos analistas do mercado financeiro é de que o PIB brasileiro feche 2013 com elevação de 2,25% sobre o ano anterior. Já a inflação (IPCA) deve encerrar 2014 com alta de 6,00%, mas apresentando aumentos menos expressivos nos anos seguintes. A taxa básica de juros (Selic), por sua vez, deve fechar 2014 em 11,00% a.a., subindo ainda mais em 2015, enquanto a taxa de câmbio tende a oscilar entre R\$ 2,47 e R\$ 2,65 por dólar, de dez/2014 a dez/2018, acima dos patamares registrados em 2013.

Quadro – Expectativas do mercado

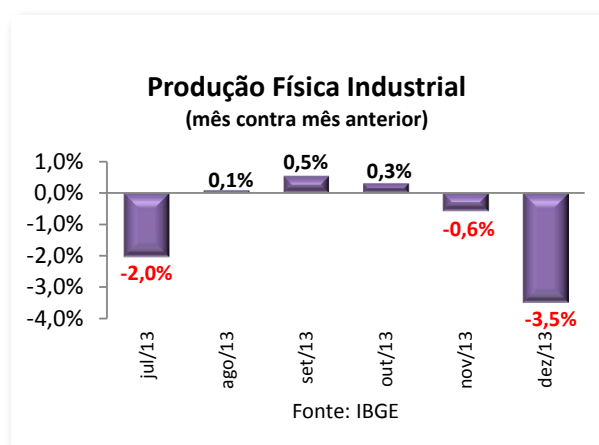
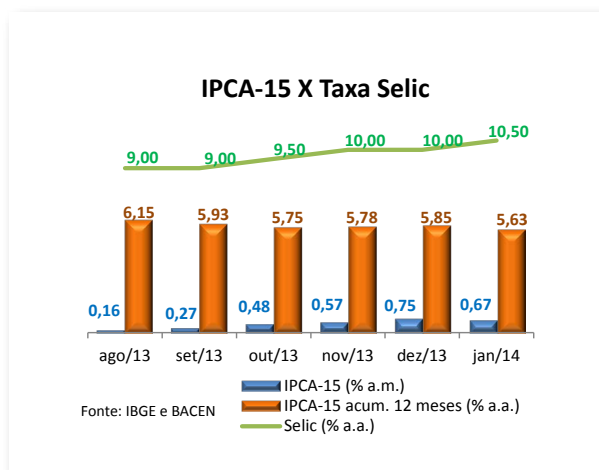
	Unidade de Medida	2013	2014	2015	2016	2017	2018
PIB	% a.a. no ano	2,25	1,91	2,20	3,00	3,00	N.D.
IPCA	% a.a. no ano	5,92*	6,00	5,70	5,50	5,50	5,38
Taxa SELIC	% a.a. em dez.	10,00*	11,00	11,88	10,75	10,00	10,00
Taxa de Câmbio	R\$/US\$ em dez.	2,35*	2,47	2,51	2,55	2,60	2,65

Fonte: Banco Central, Boletim Focus, consulta em 31/01/2014. N.D: "não disponível". *Realizado

Confira os últimos estudos e pesquisas da UGE:

- Os Donos de Negócios no Brasil: Análise por Raça/Cor
- Sobrevivência das empresas no Brasil – julho 2013

Acesse esses e outros estudos e pesquisas no site www.sebrae.com.br/estudos-e-pesquisas

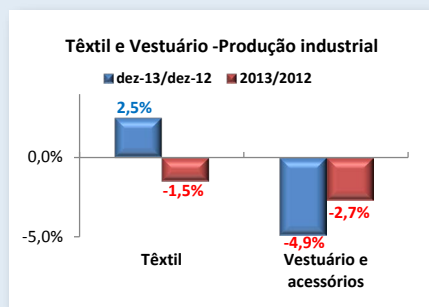


Notícias Setoriais

COMÉRCIO VAREJISTA

Em novembro de 2013, as taxas de crescimento do volume de vendas e da receita nominal do Comércio Varejista foram de, respectivamente, 7,0% e 13,8%, sobre igual mês de 2012. No acumulado do ano até novembro, as elevações atingiram índices respectivos de 4,3% e 12,0%. Esse desempenho, tanto no volume de vendas quanto na receita nominal, foi puxado pelo comércio de eletrodomésticos e de artigos farmacêuticos, med., ortop. e perfumaria, destacando que o aumento da receita nominal contou com forte contribuição também da atividade de hiper, supermercados, prods. alimentícios, bebidas e fumo. Em 2014, esse ritmo deve se manter, em face da perspectiva de continuidade de aumentos reais da renda do trabalhador.

TÊXTIL E VESTUÁRIO

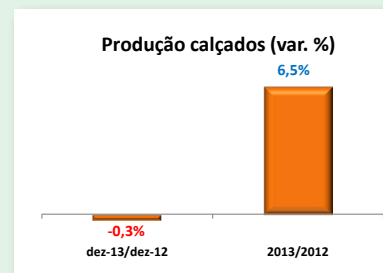


Fonte: IBGE

Em dezembro de 2013, a produção da indústria Têxtil registrou alta de 2,5% perante o mesmo mês de 2012, mas fechou o ano com retração de 1,5% em relação a 2012. Já a produção de Vestuário e acessórios, por sua vez, computou queda de 4,9% e de 2,7%, respectivamente, nos mesmos períodos comparativos. A balança comercial desse último acumulou em 2013 déficit de US\$ 2,6 bilhões, com as exportações encolhendo 2,4% e as importações aumentando 8,5% ante 2012. Isso sinaliza que o setor continuou a perder competitividade em relação aos produtos importados. Para reverter esse quadro, os empresários deveriam implementar uma melhor gestão financeira de seus negócios e priorizar investimentos em inovação, aproveitando a redução dos custos com energia elétrica e as desonerações fiscais. Assim, teriam condições de recuperar produtividade e oferecer produtos diferenciados.

CALÇADOS

A produção brasileira de calçados e artigos de couro recuou 0,3% no comparativo dez/13 sobre dez/12, mas fechou 2013 com alta de 6,5% sobre 2012. As exportações de calçados em 2013 totalizaram US\$ 1,09 bilhão e as importações, US\$ 572 milhões, gerando superávit de US\$ 522 milhões no saldo da balança comercial do setor, 10,5% menor que o registrado em 2012. Os Estados Unidos foram o principal destino das exportações brasileiras de calçados, respondendo por 17,3% do total (em US\$), seguidos pela Argentina (10,8% do total). O estado do RS liderou as exportações, em valor (35,3% do total), enquanto o estado do CE destacou-se na quantidade de pares exportados (42,1% do total). Para 2014, a perspectiva é de aumento da competitividade frente aos produtos importados, considerando uma taxa de câmbio mais desvalorizada, e elevação das vendas, com a Copa do Mundo e continuidade de reajustes reais de salários.



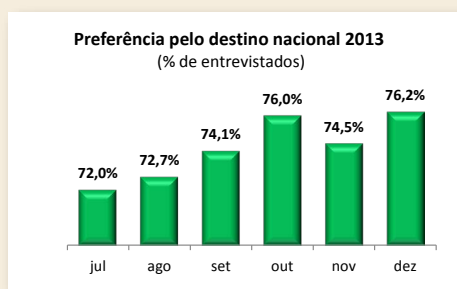
Fonte: IBGE

MÓVEIS

A produção do setor moveleiro caiu 4,2% em dezembro de 2013 frente a igual mês de 2012, mas acumulou alta de 7,6% em 2013, em relação ao ano anterior. A balança comercial do setor, por sua vez, fechou 2013 com déficit de US\$ 134,3 milhões, reflexo da elevação de 13,3% nas importações e retração de 2,83% nas exportações. O aumento na produção indica que os empresários vêm recuperando competitividade, apesar do crescimento das importações, e que ainda há espaço no mercado para produtos nacionais e importados. A perspectiva para este ano de 2014 é de continuidade do aumento das vendas e da produção, com as empresas se beneficiando das isenções fiscais, redução do custo com energia elétrica e da desvalorização cambial.

TURISMO

Em 2013, a Receita cambial turística totalizou US\$ 6,7 bilhões e a Despesa, US\$ 25,3 bilhões, representando elevações respectivas de 1,0% e de 14,0% sobre 2012. Segundo o Ministério do Turismo, subiu de 32,2% (dez/12) para 37,3% (dez/13) o percentual de entrevistados que manifestaram intenção de viajar nos próximos seis meses. A preferência continua sendo o destino nacional (76,2%, em dez/13), em hotéis e pousadas. A região Nordeste é a preferida por 40,1% dos turistas nacionais, seguida pela região Sul (23,3%). O maior interesse pelo turismo interno certamente está associado ao aumento do dólar em relação ao real, que provoca um encarecimento das viagens internacionais. A perspectiva é de aumento do turismo no país este ano, alavancado pela Copa do Mundo de futebol.



Fonte: Ministério do Turismo

Artigo do mês

Marco Aurélio Bedê

(Economista da UGE/Sebrae NA, com Doutorado pela USP)

Um país de Empreendedores por Oportunidade

A última pesquisa GEM, com dados referentes a 2013, revela que o Brasil atingiu, naquele ano, o nível mais elevado de empreendedores por oportunidade dos últimos 12 anos. Segundo aquela pesquisa, cerca de 71% dos Empreendedores Iniciais no Brasil foram movidos por uma oportunidade, e apenas 28% por necessidade. Vale lembrar que os Empreendedores Iniciais são compostos pelos indivíduos adultos que nos últimos 12 meses fizeram alguma ação para ter seu próprio negócio ou que já possuem um negócio com até 3,5 anos de atividade.

Em 2002, a relação era inversa, de 58% por necessidade e 42% por oportunidade.

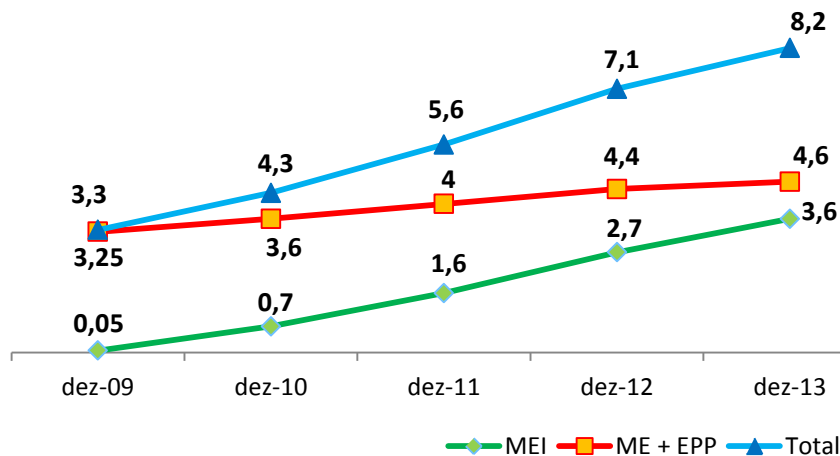
Em termos comparativos, o Brasil está à frente dos 5 países do grupo dos BRICS, uma vez que as taxas de empreendedorismo por oportunidade nesses países, em 2013, foram de 61% na Índia, 65% na Rússia, 66% na China e na 70% na África do Sul.

Tem contribuído para esse resultado três grandes fatores. O primeiro é a expansão do mercado interno, com a ascensão da nova classe média, que amplia de forma expressiva o mercado consumidor dos Pequenos Negócios no país, e as baixas taxas de desemprego. O segundo é o aumento do grau de escolaridade dos brasileiros. As taxas de oportunidade nos novos negócios tende a ser maior no grupo dos empreendedores com maior grau de escolaridade. O terceiro fator tem sido a melhora do ambiente legal, representado pela implantação da Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas, a criação da figura do Microempreendedor Individual e da ampliação dos limites de faturamento das micro e pequenas empresas no Simples Nacional.

A despeito das boas-novas, ainda há espaço para avanços em termos de empreendedorismo por oportunidade. Em países do primeiro mundo com economias grandes, como Reino Unido, Canadá e Estados Unidos, as taxas de empreendedorismo por oportunidade chegam a 85%, 84% e 79%, respectivamente. Para que a taxa de empreendedorismo por oportunidade no Brasil continue em expansão, além da manutenção das conquistas já obtidas, é preciso dar continuidade ao desenvolvimento da cultura empreendedora no país, assim como das condições para empreender. São exemplos de ações que podem levar a isso: a continuidade na melhora no ambiente legal, por exemplo, com a ampliação dos segmentos que podem aderir ao SIMPLES; a continuidade do aumento do nível de escolaridade dos brasileiros; e um maior esforço de inserção de disciplinas de empreendedorismo nas escolas, nos três níveis de ensino, básico, médio e superior.

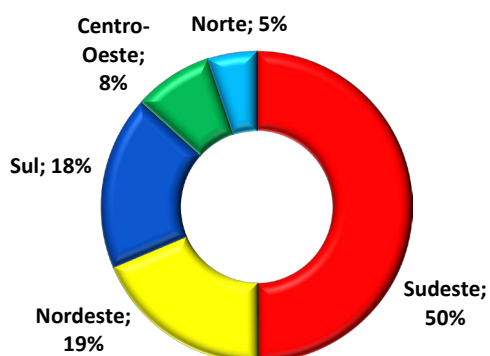
Pequenos Negócios no Brasil

Evolução dos optantes pelo Simples Nacional
(em milhões)

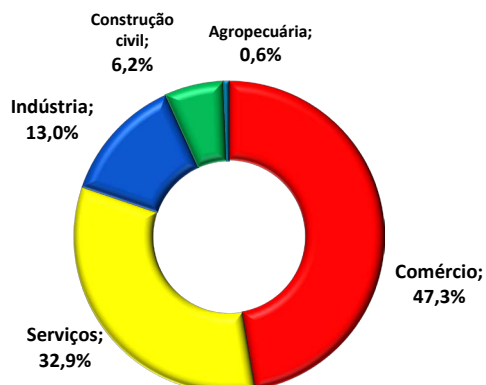


Fonte: Receita Federal

Concentração por Região



Concentração por Setor



Fonte: Secretaria da Receita Federal – Dez/13

Estatísticas das MPE

Participação das MPE na economia	Referência	Participação %	Fonte
No número de empresas exportadoras	2012	59,4%	FUNCEX
No valor das exportações	2012	0,9%	FUNCEX
Na massa de salários das empresas	2011	39,5%	RAIS
No total de empregados com carteira	2011	51,6%	RAIS
No total de empresas privadas	2011	99%	RAIS

Informações sobre as MPE	Referência	Total	Fonte
Quantidade de Produtores Rurais	2010	4,7 milhões	PNAD
Potenciais Empresários c/ negócio	2011	12,9 milhões	PNAD
Empregados com carteira assinada nas MPE	2011	15,6 milhões	RAIS
Renda média mensal dos empreg. c/ carteira MPE	2011	R\$ 1.203	RAIS
Massa de salários paga pelas MPE	2011	R\$ 18,7 bi	RAIS
Número de MPE exportadoras	2012	10.835	FUNCEX
Valor total das exportações das MPE (US\$ bi FOB)	2012	US\$ 2,1 bi	FUNCEX
Valor médio exportado por MPE (US\$ mil FOB)	2012	US\$ 193,9 mil	FUNCEX

Microempreendedor Individual (MEI): receita bruta anual de até R\$ 60 mil.

Microempresa (ME): receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEI.

Empresa de Pequeno Porte (EPP): receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e igual ou inferior a R\$ 3,6 milhões.